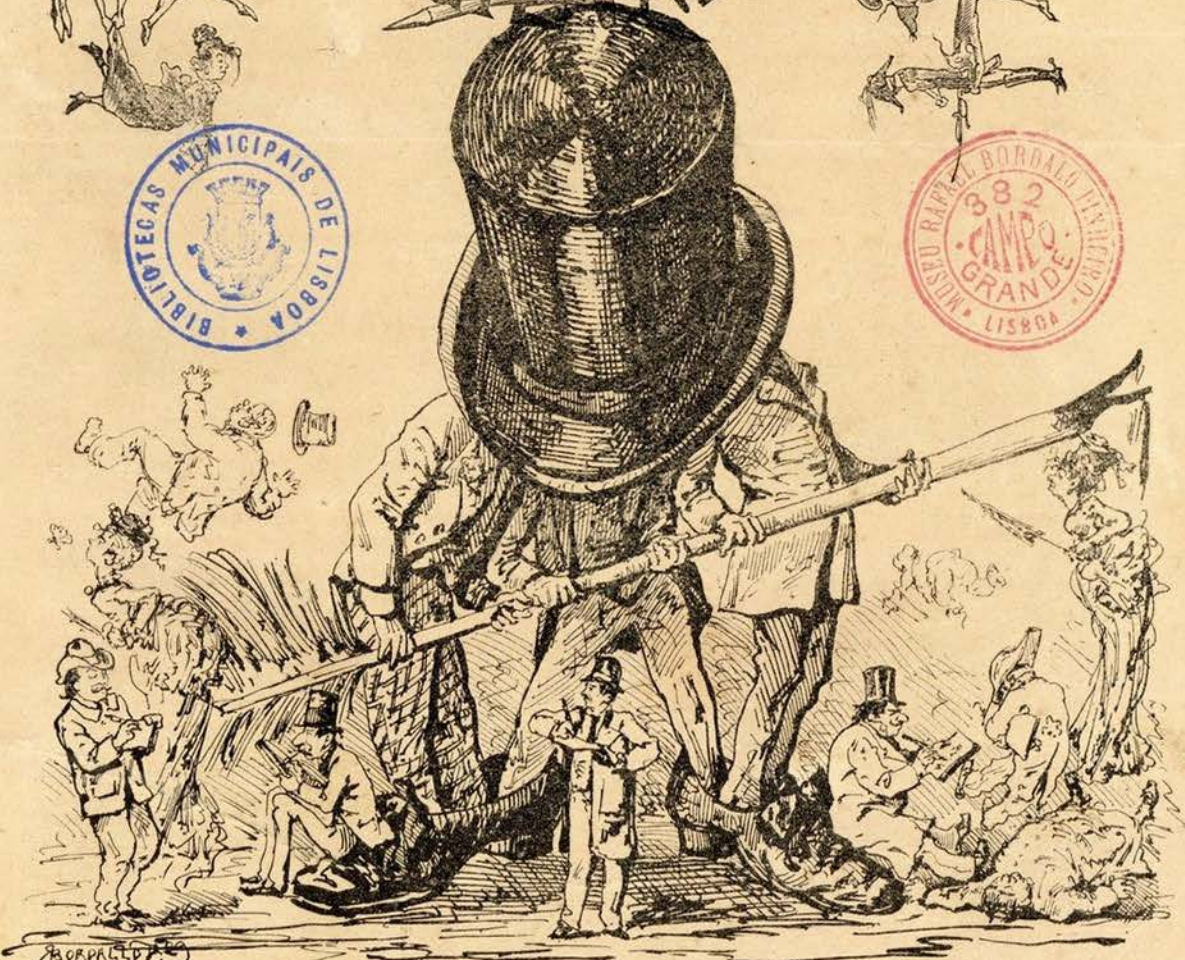


# ANIVERSARIO MAGICO POR GILVAZ



Gil Vaz, minhas senhoras,

É um vosso adorador que ingenuamente  
 Confessa que vos acha tentadoras,  
 Honestas, feiticeiras,  
 À parte simplesmente  
 O vosso romantismo,  
 A vossa *triste magoa* e as frieiras.

Lindísimos amores  
 Ó pombas em que eu seismo.  
 Gil Vaz é o cavalleiro  
 Que em prol das damas lança ao mundo inteiro  
 A manopla de rijos luctadores  
 E a luva do dandysmo.  
 Elle conhece as grandes tyrantias  
 Que pezam sobre vós ha muitos annos  
 E raros são os dias  
 Em que dos vis tyranos  
 Não mede com terror a iniquidade!  
 Campeia a grã cidade!  
 Olhae,— que horror! — o lubrico banquete  
 Onde elles vão cavando o negro esquite  
 Nas grandes corrupções do voltarete,  
 Nas orgias fataes do meio biffe!

\*

Amigos um *havano*:  
 Eu sei perfeitamente com quem fallo.  
 Ao bom trabalho insano,  
 Honrados patriotas  
 Deveis mais d'uma gloria e mais d'um calo,  
 Alem dos que deveis a algumas botas.

Amaes os malmequeres  
 As tilias, o lilaz?  
 Pois bem, se vos apraz  
 Fallemos das mulheres.

Pensem nos vampiros  
 Nos astros e nas flores!

Mas se a triste descrença e os suspiros  
 Da velha legião dos trovadores,  
 Meus candidos burguezes,  
 Nos vão fallando d'ellas tantas vezes,  
 Ao passo que a poesia  
 Dos corações fieis  
 Explende hoje sem medo á luz do dia

E mais livre caminha  
 Nas folhas de dez réis  
 A coisa de vintem por cada linha!...  
 .....

Seja pois com recato  
 Que nós aqui toquemos n'esse arcano;  
 E emquanto a multidão passa na rua,  
 Anjos de Bulhão Pato,  
 Choraes junto ao piano,  
 «Era de noite quando a imagem tua...»

\*

Aqui e em toda a parte,  
 Amigos, a final,  
 Não penseis que Gil Vaz é o bandoleiro  
 Que aperra o bacamarte  
 Nas sombras d'um pardieiro  
 E atraz do velho muro d'um quintal.  
 Quem hoje aqui vos falla  
 Tem um gladio de luz e uma bengala.  
 Tem palavras precisas,  
 Rectas, cheias de fogo  
 E o character viril do demagogo  
 Junto a varias camisas.  
 Possui crenças não vagas;  
 Sem dizer se communga ou se ouve missa,  
 Tem muitissima fé,  
 N'uma deosa formosa,— na Justiça,  
 N'aquella que o senhor Pinheiro Chagas  
 Não sabe ainda quem é.  
 E quando escreve agora este folheto  
 Não pensa bem no inferno:  
 Não procura agradar ao Padre-Eterno  
 Nem ao senhor Vaz Preto.

Gil Vaz traça um programma d'esta fórma:  
 —Doutrina clara e franca:  
 Entende que precizam de reforma  
 As consciencias, a carta e a roupa branca.



Devemos archivar n'esta pequena  
 chronica dois importantes e recentes  
 factos da vida politica nacional. Em  
 quanto na Zambezia se submetia á auctoridade do  
 governo um preto terrivel — o Bonga, no continente  
 declarava-se em rebelião contra os poderes um  
 Preto eleitoral — o Vaz.

Este ultimo expoz ao paiz o seu credo n'um ri-  
 sonho programma cheio de promessas; defeza das  
 franquias populares, morte aos antigos privilegios

feudaes, vingança do pae vilipendiado, a *Marse-thesa* ao longe, vista final da gloria, artilheria ao fundo — Bum!

Depois d'escripto o referido programma risonho, o novo partido deu conta d'elle ao paiz, fazendo-o representar no theatro de D. Maria II.

\*



Quasi ao mesmo tempo o Sr. deputado Pereira Rodrigues esteve a ponto de se tomar d'um accêssão d'indignação contra os poderes, e como o seu programma não fosse dos mais dramaticos — na impossibilidade de o dar em pintura — tinha resolvido pol-o em musica para ser cantado ao piano.

Felizmente o auctor dos *Escórços*, não realisou tão negro intento.



AO JORNAL DO PORTO

Cruz Coutinho, Cruz Coutinho,  
Tens o jornal estafado!  
Dá-lhe biffes, dá-lhe vinho,  
Cruz Coutinho  
Cruz coitado!  
Dá-lhe passeios no Minho,  
Dá-lhe um bacharel formado...  
Coitado do Cruz Coutinho  
Coitado do Cruz! Coitado!



A LANTERNA MÁGICA deixaria de cumprir *um dos mais sagrados deveres* se não começasse por saudar a ultima gloria nacional — por Moncorvo, na pessoa do esperançoso deputado o sr. Manoel d'Assumpção.

Pois que, senhor deputado! v. ex.<sup>a</sup> queria ser gloria sem que a critica, a ligeira, a buliçosa, se

apoderasse da personalidade de v. ex.<sup>a</sup>, e o dependurasse delicadamente pelo collar do *plastron*, perneando, ante a contemplação do mundo? Não, aqui lh'o juramos; quem fôr gloria nacional ha de soffrer-lhe as consequencias ou então que o não seja; e v. ex.<sup>a</sup>, a sr.<sup>a</sup> D. Cecilia, a padeira d'Aljubarrota o sr. bispo de Vizeu, todos hão de ter logar n'esta galeria ao som da risada carnavalesca, com gatos de giz nas costas, rabo-levas, moinhos de papel no chapéu, empoados, exprimi-dos, virados do avesso, com pimenta nas *briches*, e colheradas de sal no chá. De resto nós damos depois delicadamente o braço a ss. ex.<sup>as</sup> e com o nosso mais amavel sorriso nos labios acompanha-mol-os até abaixo, cerrando n'uma profunda venia sobre os seus nobres vultos a porta da carruagem e a da immortalidade. E, que sob os louros virentes que lhes coroam as frentes, ss. ex.<sup>as</sup> repousem então em paz, na serenidade olympica dos heroes!

\*

S. ex.<sup>a</sup> o sr. representante de Moncorvo está amarrado á posteridade por duas ancoras. Se pela elevação da eloquencia, conforme noticiam os jornaes ministriaes, s. ex.<sup>a</sup> é successor de José Este-vam, pela sonoridade da voz herdou as tradições do barytono Lisboa, e, quando um homem é assim e tem um nome similhante competem-lhe indisputa-velmente dois logares — um no parlamento, outro na opera.

\*

Oh! como a gloria nacional de que fallamos foi Demosthenica, quando um dia acudindo em defesa do sr. Serpa o salvou das iras da oppo-sição indignada, n'aquella apostrophe vehemente, cheia de fogo e de temeridade! Sobre os seus hombros espanejava-se, revolta, a cabelleira de Mirabeau, e a gloria a que nos referimos bradava: Tu opposição censuras o sr. ministro da fazenda! mas se elle simplesmente foi grande e magnanimo em perdoar ao sr. Sant'Anna, depois das tremen-das accusações que sobre elle pesavam! Tambem um dia o martyr do Golgotha, soltando o extremo alento, teve palavras de perdão!

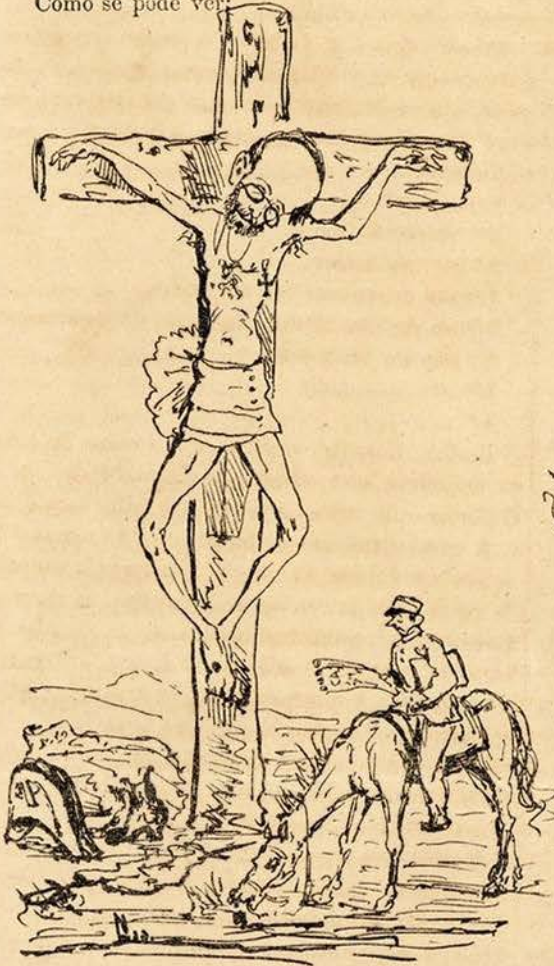
\*

Estamos completamente d'accordo; simplesmente para que as palavras do illustre deputado podessem valer, exigiríamos um pequeno sacrificio da parte do sr. Serpa: antes de perdoar como Christo de-veria ser crucificado como elle.

Oh, mas o sr. ministro, crucificado, nú, com uma toalha á cinta, devia ficar horroroso...



Como se pôde ver:



A situação da capital é sempre a mesma: margem direita do Tejo; muita poeira e muitas casas de penhores. De resto mad.<sup>me</sup> Angot triumpha em toda a linha.

Os calores do estio aproximam-se e os trajes á Directorio são ligeiros; mas, se nós de Angot recuassemos até Eva?...

Ó folha de vinha; corre, não tardes, por que ainda te havemos de querer bem, quando a imaginação da travessa de Santa Justa te applicar n'uma *toilette* fantasiosa.

\* Quanto á politica tudo na mesma.

Das provincias ha só a reclamar confiança e... porcos.

Aviso ás mães de familia:  
Quando chega a primavera  
Vidal o cantor da tilia,  
É uma fera.

É uma cantharida que arde  
De furia, de amor, de pandega  
Quando ás tres horas da tarde  
Sae da Alfandega!...





Ex.<sup>mo</sup> Sr. conselheiro Carlos Bento Correio da Silva,

Por intermedio de v. ex.<sup>a</sup> esperamos que essas tres cartas cheguem ao seu destino no mesmo estado de pureza em que as depositamos, sem estampilha e com todo o respeito, no immaculado seio de v. ex.<sup>a</sup>.

Somos de v. ex.<sup>a</sup> um servo  
respeitoso e epistolar,

*Gil Vaz.*



### Á REACÇÃO

Minha doce irmã em Jesus (fita  
roxa no chapéu).

Vi-te hontem no recolhimento de S. Patricio. Sabes como te achei? Vermelha, biliosa e tomando rapé. Estavas encantadora, e por isso ver-te e amar-te foi obra d'um momento! Quando subiste ao pulpito e começaste a prégar contra a depravação do seculo a minh'alma estremeceu de prazer!

Sabes quem eu sou? Gil Vaz, o triste, que em teu seio vem buscar abrigo contra a desmoralisação da sociedade e contra os tres inimigos da alma, — o mundo, o diabo, a carne.

Doce reacção, diz-me, sabes o que é o mundo? Ah! não sabes? Vamos dizer-t'ó.

O mundo, minha amiga, é o turbilhão que passa, é a walsa rodopiante, é a rolha do Champanhe que salta, é o almanack das senhoras, é o cambista Fonseca, é o Prompto Alivio, e quiçá, os continentes, os mares, as ilhas adjacentes, a rua dos Retrozeiros, o caffè do Arco Bandeira, o sr. Pereira Rodrigues, o *noivado do sepulchro* e o tenor Silva.

Vês? É horrivel! Quanto é melhor a vossa patria celestial que, além das grandes vantagens conhecidas e desconhecidas, tem ainda a pequena vantagem — de não existir!

Sabes o que é o diabo? Tu pensas que é a figura sinistra do principe das trevas, vomitando enxofre, com rabo, chifres e umas grandes azas negras? Não minha querida amiga, o diabo não é isso: o diabo é:

- 1.<sup>o</sup> ter credores.
- 2.<sup>o</sup> não ter dinheiro.
- 3.<sup>o</sup> ter um cancro.
- 4.<sup>o</sup> não o ter, mas ter um typho.
- 5.<sup>o</sup> ter dezoito filhos e um lugar de amanuense.
- 6.<sup>o</sup> não ser vaccinado.
- 7.<sup>o</sup> ...
- 8.<sup>o</sup> ...

Emfim, Reacção, o diabo é a somma de todas as desgraças que affligem a humanidade, desde Guiomar — a triste, até á Revalescière — a doce.

A carne é tudo o que ha de peor no mundo! É: as botinas á Luiz XV, os pós á marechala, os puff's de boulevard, as rendas de Bruxellas, os carros á Daumont, as mantilhas andaluzas, os decotes do segundo imperio, a musica de Lecoq, a depravação do seculo, e, quem sabe? talvez o roast-bœef! Que o Matta nos perdõe tão arrojada hypothese!

A carne é uma coisa detestavel, prejudicial, mundana e cara. O que haverá de peor? Ha só uma cousa, querida... é o peixe.

Escrevendo-te, emfim, tive em vista pedir-te tres cousas: não te defumes tanto com alfazema, não creias demasiadamente no dictionario do sr. Pinho Leal, e esforça-te por lavar mais a miudo a consciencia e os pés. Não desprezes sobretudo esta ultima parte. Hoje está demonstrado que a agua é quasi tão moralisadora como o christianismo.

Abriga-me no teu seio, ó reacção, e recebe os votos de quem te ama, de quem te adora loucamente — sobretudo depois d'um banho.

*Teu do coração.*



### Á DEMAGOGIA PORTUGUEZA

*Meu anjo!*

Como deves suppôr, eu vinha firmemente resolvido a incendiar Lisboa e a fazer rolar no patibulo a cabeça da monarchia, mas resolvi antes propôr-me socio da assembléa familiar e entrar

para a irmandade do Senhor dos Passos, por saber, terna demagogia portugueza, que tu és pacifica, cheia de sentimentos generosos, e que por isso este procedimento te agradaria mais. Oh! eu conheço-te, doce demagogia da minha terra! tu não és velha; nasceste em 46 pouco mais ou menos; és donzella, devias chamar-te Leonor, e nunca a tua grinalda de flores de laranjeira emurcheceu ao halito ardente dos combates. Bem hajas! Conste que eu beije reverente a fimbria do teu vestido.

E depois, porque havias de tu, *serena imagem*, bater-te nas barricadas, andar rota, desgrenhada, faces incendiadas, olhos cavados, dentes sujos, fato roto, mãos enegrecidas! Não! é melhor assim. Tu deitas agoa de colonia no lenço, pões banha de cheiro no cabello, e — não duvido afiançal-o — lavas a cara quasi todos os dias, sabendo além d'isso vingar cruelmente as iniquidades da monarchia, votando no sr. Saraiva de Carvalho.

Louvo a tua prudencia, minha amiga: Oh! deve ser bello bater-se a gente nas barricadas, morrer ao som da *Marselheza*, ser envolvido depois de morto no estandarte da sedição, mas... a policia?

Olha sabes o que te digo, meu amor? Senta-te ao luar e cantemos juntos, de mãos entrelaçadas, ao som do violão:

Se por ventura é verdade  
Que o nosso povo anda roto,  
Em vez de mais liberdade  
É dar-lhe panno piloto.

E até mesmo sendo exacto  
Que além de roto anda nú,  
Off'reçam-lhe além do fato  
Camisas de panno crú.

Adeos: do coração te desejo muito sangue e muitas piugas.

O teu...  
Gil.



## AO PARTIDO CONSERVADOR

*Meu caro partido,*

Vm.<sup>co</sup> é grande, porque vm.<sup>co</sup> é a grande massa nacional, a grande collectividade publica. Vm.<sup>co</sup> é a nossa politica, os nossos costumes, a nossa arte,

a nossa religião, a nossa moral, a nossa litteratura. Vm.<sup>co</sup> e o 14.<sup>o</sup> morgado do Caniço, é o sr. João Felix, é o sr. Christovão de Sá, o folhetinista, é o sr. prior dos Anjos, é a sr.<sup>a</sup> policia civil, é a sr.<sup>a</sup> phylarmonica da Casa Pia. Vm.<sup>co</sup> é o credito nacional, o fomento, a prosperidade publica, a febre bancaria, o caminho de ferro da Beira, a lueta pacifica dos partidos, a rhetorica parlamentar, as pugnas do jornalismo, o sr. Marquez de Avila, fiador das instituições, e as instituições fiadoras do sr. Marquez; é finalmente o partido constituinte, o partido do sr. Vaz Preto, o partido reformista, o partido regenerador e, em conclusão, o partido historico, que, á maneira de Mr. Prudhome tem uma espada para defender as instituições... e para as combater, quando fôr preciso.

Sr. partido conservador:

Quanto eu tenho admirado a opulencia da sua fantasia, as gallas da sua imaginação! Vm.<sup>co</sup> na tribuna, cheio d'indignação, apontando á vindicta nacional os desatinos do poder; Vm.<sup>co</sup> n'uma mutação rapida, traçando immediatamente o manto do poder e respondendo, cheio de serenidade, com ar Cesareo ás objurgatorias da opposição; Vm.<sup>co</sup> apontando á execração publica o *cache-nez* do sr. de Bolama; Vm.<sup>co</sup> é sempre admiravel, recebendo com ar desdenhoso ou gravemente, todas as recriminações dirigidas á sua politica e ao seu cébo! Que, seja dito á parte, houve tempo em que toda a politica das opposições cahia como uma ave de preza sobre aquelle inofensivo involucro. Hoje que a rhetorica dos partidos está felizmente cansada de o explorar, resta a consoladora esperanza de que os negociantes de gordura o queiram derreter; e a escuridão nacional ainda o poderá aproveitar — em vélas.

Sr. partido.

Vm.<sup>co</sup> que tem sobretudo sabido conservar duas coisas, as instituições e a caspa, não creia que Gil Vaz venha perturbar a paz da Santa Igreja. A tiral-o do poder desejaria pol-o em musica... e offerecel-o á Trindade.

Sr.: nós todos os dias nos encontramos na rua do Oiro, no Passeio, no Chiado, nos cafés, no theatro de D. Maria II. Que não me dê encontrões nem me deite perdigotos é o mais que exijo do vosso character integro e da vossa grande honestidade politica. De resto Gil Vaz levará cortezmente a mão ao chapéu quando junto d'elle passar o generoso, o respeitavel partido conservador portuguez, acompanhado de suas filhas vestidas á Benoiton, com tuberculos, e de seus meninos vestidos á Tyroleza, com lombriças.

*Sou todo vosso.*



## SCENAS



Na Trindade ainda *A Filha da senhora Angot*.

Como o enthusiasmo que essa opereta de boa musica e de linguagem fresca vae desapparecendo um pouco, recommendamos á empresa um alvitre.

Demonstrado que as exhibições de formas têm concorrido para o exito da opereta, e attendendo a que se não reúne desgraçadamente na mesma actriz, a voz e a perna, escriptura a empresa uma mulher cuja especialidade seja um contorno arrebatador de Venus hottentote... branca. A actriz Herminia, com um manto da cabeça até aos pés, cantará do mesmo modo o seu papel. Ao lado, a outra será encarregada de não deixar arrefecer o publico. O empresario poderá então escrever uma nova carta ao sr. Carlos Bento, dizendo que o calor... do enthusiasmo vae crescendo. Isto produzirá grande effeito, e abrirá novos horisontes aos amadores de Lecoq — e de marisco.



Uma actriz muito secundaria representava na comedia, *O Lenço branco*, um dos principaes papeis — o de esposa,

— e produzia sobre os systemas nervosos o effeito horripillante de uma unha arranhando na cal da parede. O publico estava em convulsões; a plateia remechia-se nas cadeiras, como as victimas da inquisição no potro. Não se podia fugir, porque o theatro estava cheio. O horror prolongava-se até á angustia. A scena final desejada com mais ancia pelos espectadores do que D. Sebastião por um de seus crentes, parecia fugir indefinidamente, como a sombra querida d'um pae aos braços de Hamlet. A congestão cerebral pairava sobre os assistentes, e na monotonia suffocante d'aquellas tiradas automaticas quasi que se abafava. A actriz desprendia soluços bucolicos, que faziam lembrar as máguas d'um carneiro constipado perdido dorebanho. N'isto, ouviu-se um apito, dando o signal para cair o pano; as phisionomias tornaram-se expansivas: houve um gesto explosivo de salvamento em toda a plateia, um respirar convulso.

Mas a novel artista, pouco conhecedora dos segredos da scena, levada pela mão da fatalidade, quedou-se exactamente por baixo do panno de bocca. O panno desceu rapidamente sobre ella, e

a tira de pau que o sollicitava applicou-lhe sobre a cabeça e sobre as costas uma forte pancada. Ouviu-se um grito. Correram alguns comparsas, e empregados da casa, o pano foi levantado e caiu então no seu lugar sem estorvo, vendando aos olhos do publico as scenas successivas.

Seguiram-se os commentarios.

Eu disse para o meu visinho:

— Começo a crer na Providencia, e o sr.?

— Eu tambem.... se a actriz não tornar a apparecer.

Isto passou-se no theatro de S. João, no Porto. Juramol-o, por tudo o que ha mais sagrado.



No Price os japonezes fizeram os seus prodigios exóticos, aparando piões á unha, pendurando-se em escadas extraordinarias, subindo por cordas obliquas sem maroma, tomando aspectos extranhos de idolos chinezes e de Diogenes mongolicos mettidos em toneis. A trabalhar eram deliciosos; parados assemelhaavam-se a mumias do Perú. Grande limpeza de mãos, — não dessfazendo nos pés.

Ha dias andavam pelas ruas em bando, com os seus vestuarios habituaes, as suas cabaias, os seus calções e os seus guinchos. Mas, caso notavel, cada um d'elles trazia na cabeça um chapéu dos nossos, dando assim uma prova de respeito aos costumes europeus — na parte relativa á chapellaria.

O povo parava, de queixo caído, muito espantado, e dizia:

— São muito feios!

E algumas pessoas accrescentavam sentenciosamente de si para si:

— O que elles tem de mais esquisito é o chapéu!



No theatro de D. Maria II representou-se com exito ruidoso, ruidosa execução e ruidosos aplausos a ultima producção dramatica do sr. Pinheiro Chagas o *Drama do pouo*. A historia e a politica deram-se as mãos para fornecerem á Covilhã, por intermedio doseu representante, um assumpto com duas faces igualmente admiraveis, como obra d'arte e como protesto contra as idéas conservadoras do gabinete. De um effeito estripitoso, o novo drama abala todas as noites as convicções retrogradadas do publico e os tectos da casa. Por isso a multidão sae do theatro vacilando entre o hymno da carta e... a cama.

O governo tremeu e a magestade não trepidou em vir certificarse com os seus proprios olhos de que a nau do estado, não ameaçava soçobrar enbatida por ventos tão contrarios.



De resto o drama do povo é uma bola de sabão, iriada de mil côres, sobre a qual o primeiro actor portuguez, produz o effeito orthographico e imponente de um ponto de admiração, no fim de um periodo tempestuoso.



No Gymnasio os *Lasaristas* em 23.<sup>a</sup> representação.

A verdadeira critica d'este trabalho que estabeleceu para o theatro do Gymnasio, todas as noites, uma perigrinação artistica altamente louvavel, não se pôde fazer em quatro linhas. Diremos

comtudo, que o segundo acto lembra Balzac, e que o terceiro tem talvez uma leve declamação — corvos, hydras da reacção e abutres, uma *menagerie* comparativa a que os srs. lazaristas teem todo o direito, mas que está um pouco gasta.

A attenção com que em tantas noites successivas o publico tem escutado este drama, é o seu maior elogio. Chega talvez a ser excessiva. Ha dias, como uma creança chorasse n'um camarote de 1.<sup>a</sup> ordem, um grave espectador que estava ao nosso lado, pronunciou um psiu! tão feroz, que nós mesmos ficamos to-

mados de susto — e julgamos ver a figura tetrica do rei Herodes, decretando a degolação dos innocentes. Era pavoroso.

Antonio Ennes segurou por uma orelha a Reacção e expol-a. A reacção esperneou como se tivesse um ataque epileptico. Bravo!

Pela nossa parte d'aqui enviamos a Antonio Ennes as nossas mais entusiasticas felicitações e uma phrase popular:

— Nunca as mãos lhe dôam.



**LANTERNA MAGICA**

15 Maio NUMERO 1, — 1.º ANNO 1877

RUA DO PRINCIPE 23, — I. ANDAR. — LISBOA

CADA N.º AVULSO 60 RS.